



UFES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
NATURAIS
CURSO DE GEOGRAFIA

AKYLLA COZER CHIABAI SILVA

A INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA ONTOLOGIA DO ESPAÇO NA
GEOGRAFIA:
UMA PROBLEMATIZAÇÃO COM A METAGEOGRAFIA

VITÓRIA, ES 2023

AKYLLA COZER CHIABAI SILVA

**A INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA ONTOLOGIA DO ESPAÇO NA
GEOGRAFIA:**

UMA PROBLEMATIZAÇÃO COM A METAGEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Geografia do Centro
de Ciências Humanas e Naturais da Universidade
Federal do Espírito Santo - Campus Goiabeiras.
Orientação: Prof. Dr. : Luis Carlos Tosta dos Reis

VITÓRIA,
ES 2023

AKYLLA COZER CHIABAI SILVA

TÍTULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo - Campus Goiabeiras como parte das exigências para a obtenção do bacharelado em Geografia.

Orientação: Prof. Dr. : Luis Carlos Tosta dos Reis

Vitória, 17 de Setembro de 2024

aprovado em 17 de setembro de 2024 por:

Prof. Dr. Luis Carlos Tosta dos Reis - Orientador - UFES

Dr. Josimar Monteiro Santos

Me. Lucas Pereira Vieira

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo problematizar a investigação sobre o tema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia. Para tanto propõe desenvolver um paralelo entre duas perspectivas que tratam o assunto por vias radicalmente distintas: por um lado, o tratamento dispensado à ontologia do espaço na Metageografia, uma proposta de orientação teórico-metodológica à ciência geográfica desenvolvida por Ana Fani A. Carlos sob filiação prevalente ao pensamento marxista de Henri Lefebvre; e por outro, a geografia em bases ontológico-existências, uma perspectiva de investigação sobre a ontologia do espaço na Geografia que tem sido desenvolvida através da filiação à filosofia fenomenológica de Heidegger. Assenta-se a justificativa da pesquisa na possibilidade de trazer à tona, através do contraste radical vigente entre as resoluções filosóficas de base que amparam as duas perspectivas supracitadas, elementos que permanecem pouco desenvolvidos na pesquisa em Geografia dedicada à temática. A metodologia da pesquisa se efetiva, quanto à forma, através da análise bibliográfica, e, no que concerne ao seu conteúdo, assenta-se, por um lado, na depuração de elementos básicos da filosofia marxista-lefebvreana a partir da Metageografia e, por outro, dos elementos básicos da fenomenologia de Heidegger.

PALAVRAS-CHAVES: Geografia; Ontologia do Espaço; Metageografia; Fenomenologia; Heidegger.

ABSTRACT

The present work aims to problematize the investigation on the theme of the ontological foundation of space in Geography. To this end, it proposes to develop a parallel between two perspectives that deal with the subject in radically different ways: on the one hand, the treatment given to the ontology of space in Metageography, a proposal for a theoretical-methodological orientation to geographical science developed by Ana Fani A. Carlos under prevalent affiliation to the Marxist thought of Henri Lefebvre; and on the other hand, geography on ontological bases-existences, a perspective of research on the ontology of space in Geography that has been developed through affiliation with Heidegger's phenomenological philosophy. The justification of the research is based on the possibility of bringing to light, through the current radical contrast between the basic philosophical resolutions that support the two perspectives mentioned above, elements that remain little developed in the research in Geography dedicated to the subject

KEYWORDS: Geography; Ontology of Space; Metageography; Phenomenology; Heidegger.

SUMÁRIO:

1. Introdução
2. Metageografia, ontologia do espaço e fenomenologia: a via marxista-lefebvrena
3. Ontologia do espaço e fenomenologia na Geografia: o resgate do assunto através de Heidegger
4. Metageografia e Geografia fenomenológica: convergências e divergências sobre a ontologia do espaço
5. Considerações finais

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo retomar o debate sobre a fundamentação ontológica do espaço na ciência geográfica. Para tanto, propõe desenvolver um paralelo entre duas perspectivas que tratam o assunto por vias radicalmente distintas: por um lado, trazendo à tona o tratamento dispensado à ontologia do espaço e a fenomenologia na *Metageografia*, uma proposta de *orientação teórico-metodológica* à ciência geográfica desenvolvida pela geógrafa brasileira Ana Fani A. Carlos, sob filiação prevalente ao pensamento do filósofo marxista Henri Lefebvre, que, basicamente, assume uma posição refratária à ontologia e, também, crítico-depreciativa em relação à fenomenologia; e, por outro lado, trazendo à tona elementos intrínsecos a proposta de uma *Geografia em bases ontológico-existenciais*, uma perspectiva de investigação sobre a ontologia do espaço na Geografia que tem sido desenvolvida através da filiação à fenomenologia de Heidegger.

A proposta de investigar o problema da fundamentação ontológica na ciência geográfica, nos termos propostos, se justifica na medida em que através do contraste radical vigente entre as resoluções filosóficas de base que amparam as duas perspectivas em foco, torna-se possível, sugere-se, trazer à tona elementos que permanecem pouco desenvolvidos na pesquisa em Geografia dedicada ao assunto.

A relevância do desenvolvimento de uma pesquisa sobre a ontologia do espaço nesta ciência pode ser atestada pela gama significativa de publicações que, no decorrer de mais de quatro décadas, dedicaram-se ao assunto - como atestam os trabalhos filiados ao chamado “*horizonte crítico-radical*”, que assumem uma filiação filosófica prevalente ao materialismo histórico e dialético (SILVA, 1982; SANTOS, 1978; 1996, MOREIRA, 2004; 2007); bem como os trabalhos filiados ao “*horizonte humanista*”, notadamente a vertente qualificada por Gomes (1996) como “*humanista-fenomenológica*” (MARANDOLA, 2012; 2013; DAL GALLO; MARANDOLA JR 2015; DAL GALLO, 2015;). Acrescente-se, ainda, publicações que, sob a influência do pensamento de Heidegger, têm procurado desenvolver uma terceira via de problematização, diversa tanto da Geografia crítica-radical quanto da *humanista-fenomenológica* (PICKLES, 1985; ELDEN, 2002; 2004a; 2004b; JORONEN; 2010; 2012; REIS et al, 2021). Estas publicações fomentam uma via de reabilitação do assunto cuja meta tem em vista uma *Geografia em bases ontológico-existenciais*, recorrendo a contribuições que lhe fornecem subsídios para tanto (PICKLES, 1985; JORONEN; 2010; 2012; REIS; SANTOS, 2017; SILVA, 2018; ZADOROSNY; 2019; REIS et al, 2021).

A questão-chave que direciona a investigação é: *quais as principais diferenças e semelhanças acerca do problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia vigentes entre,*

por um lado, o projeto de uma Metageografia e, por outro lado, o projeto de uma Geografia em bases ontológico-existenciais filiada à fenomenologia de Heidegger?

Em função do perfil da pesquisa proposta há a possibilidade de considerar a “metodologia” sob duas acepções. Sob a acepção de caráter formal, na medida em que a pesquisa se efetua enquanto exercício teórico, sua execução se efetiva através do procedimento usualmente designado enquanto *revisão bibliográfica*, que se debruça analiticamente sobre dois “nichos” da literatura geográfica: por um lado sobre as publicações da *Metageografia*, e; por outro, sobre a bibliografia dedicada à retomada da investigação ontológica na Geografia a partir da fenomenologia “heideggeriana”. Registre-se que, não obstante o caráter de método imputado à revisão bibliográfica, sua execução constitui o meio incontornável através do qual, tornou-se possível liberar uma discussão mais substantiva acerca da diferença entre o *marxismo-lefebvreano* da *Metageografia* e a *fenomenologia-heideggeriana* da *Geografia em bases ontológico-existenciais*, considerados enquanto métodos que tratam de forma distinta o tema da ontologia do espaço.

De modo diverso, é possível também considerar a “metodologia” sob uma acepção mais “substantiva”, i.é, enquanto “método de interpretação” correlato aos princípios filosóficos à base da *Metageografia* e, igualmente, de uma investigação ontológica do espaço a partir do pensamento de Heidegger. Uma exposição da metodologia sob essa acepção, contudo, implicaria também em uma exposição equilibrada desses princípios filosóficos. Esta acepção, evidentemente mais relevante, não é, entretanto, exequível, na medida em que o caráter sintético inerente ao formato de artigo conduziria a um nível de generalização que tornaria pálida a exposição e apreensão das referidas diretrizes filosóficas. Não obstante essa ponderação, caberia observar que a literatura dedicada à depuração da *filosofia marxista-lefebvreana* possui um alcance e capilaridade amplíssimos na Geografia (a própria Coleção *Metageografia* constituindo uma evidência disso), e em certa medida, elementos pontuais do caráter de método do marxismo de Henri Lefebvre que sustentam a *Metageografia* serão, ainda que de modo pontual, cotejados nos itens subsequentes, reservados aos resultados e discussões. Isso também ocorrerá, embora de forma ainda mais residual, em relação aos elementos pontuais da fenomenologia heideggeriana. Isto, pois, como a bibliografia sobre o assunto permite reconhecer e será evidenciado mais adiante, a depuração do pensamento de Heidegger, enquanto modulação específica do método fenomenológico, encontra-se num estágio mais elementar e embrionário de desenvolvimento entre os geógrafos – sobretudo se comparado com a regularidade e amplitude de publicações dedicadas ao pensamento de Lefebvre na Geografia. Isto, pois, assumindo, à guisa de exemplo, a referência mais emblemática de exposição do modo com o qual Heidegger apreende a fenomenologia como método de investigação, a saber, em sua obra magna - *Ser e*

Tempo, notadamente no §.7 - seria incontornável reconhecer que a peculiaridade com a qual o filósofo apreende a fenomenologia enquanto método está diretamente associada à peculiaridade do “assunto” que é investigado, não apenas no referido livro, mas em todo percurso de pensamento de Heidegger, a saber: *a questão acerca do sentido de Ser em geral*. A peculiaridade de ambos, isto é, do método fenomenológico e da questão do sentido de Ser se correquisitam mutuamente numa dinâmica de auto exposição que é instaurado desde o primeiro parágrafo de Ser e Tempo e se mantém, sustentando, todo o escopo da *Ontologia fundamental*, aspirada pelo filósofo no referido livro e, por isso, a rigor, somente através de uma investigação ontológica concreta torna-se, de fato, inteligível o sentido de método estrito senso que a fenomenologia possui para Heidegger. Com base no exposto deve estar claro em que medida não é exequível expor de modo razoável o sentido de método sob a segunda acepção referida no parágrafo acima: em função da amplitude mesma da tarefa que se imporia. A constatação dessa limitação patente, contudo, não torna impeditivo que se possa apreender atributos básicos do caráter de método, tanto do *marxismo lefebvreano*, quanto da fenomenologia heideggeriana: para tanto, contudo, revelou-se mais produtivo conduzir essa tarefa no desenvolvimento do debate, conforme será evidenciado nos tópicos seguintes.

METAGEOGRAFIA, ONTOLOGIA DO ESPAÇO E FENOMENOLOGIA: A VIA MARXISTA-LEFEBVREANA

A *Metageografia* corresponde à construção de uma orientação teórico-metodológica à ciência geográfica proposta pela geógrafa brasileira Ana Fani A. Carlos que visa, em linhas gerais, a superação de um estado de crise que a Geografia estaria atualmente submetida (Carlos, 2011). Trata-se de uma proposta formulada sob expressa filiação filosófica ao pensamento marxista de Henri Lefebvre, constituindo um desdobramento direto do movimento de renovação crítica da ciência geográfica que, desde a década de 1970, se substantivou através do *horizonte da crítica-radical* da Geografia (Gomes, 2011). Nesse sentido, a *Metageografia* representa uma expressão do vigor e vitalidade, no contexto do debate teórico-metodológico contemporâneo da pesquisa brasileira em geografia, do horizonte da crítica-radical. A propósito, foi junto à gênese da *Geografia crítica-radical* que o debate sobre ontologia do espaço passou a ser expressamente tratado na disciplina, estabelecendo, mesmo, o embrião do debate sobre o assunto característico dessa vertente da Geografia, através do qual se divisou um *estatuto de resolução ontológica* prevalente da Geografia crítica, qual seja: o ser do espaço (a produção do espaço) e o próprio Ser, enquanto tal, são socialmente determinados (CALÇAVARA, 2013; ZADOROSNY, 2019; REIS, 2009; 2012). Esse estatuto se manifesta de forma expressa (SANTOS; 1978; 1988;

SILVA, 2018; MORAES, 1982; MOREIRA, 2004) ou tácita, como, sugere-se, ocorre no caso da *Metageografia*.

A *Metageografia* assumiu uma expressão ainda mais saliente, na pesquisa brasileira em Geografia, a partir da publicação da Coleção *Metageografia*, projeto editorial que, até o momento, ameahou a publicação de 4 livros entre 2015 e 2018 (CARLOS, org. 2015a; CARLOS et al orgs. 2015b; 2017; 2018) sob a forma de coletâneas com a contribuição de diversos autores. A proposta da *Metageografia*, entretanto, não se limita à referida coleção, pois sua elaboração foi gestada desde meados da década de 2000 (Carlos, 2004). O sentido geral dessa proposição se resume, sinteticamente, através da articulação de dois elementos básicos, a saber:

Esse caminho, que estamos chamando de metageografia, é a construção dialética de um horizonte de pesquisa em geografia (portanto, não necessariamente urbana) que se delineia, fundamentalmente, a partir de dois elementos: **a) a centralidade da categoria de produção social do espaço, cuja exigência teórica de se pensar a práxis social como socioespacial a partir da noção de produção/reprodução permite articular teoria e prática; e b) a tarefa da produção do conhecimento orientada pela categoria de totalidade, que traz a possibilidade de superar a elaboração do saber no âmbito de uma ciência parcelar, no caso, a Geografia.** Com base nisso, a Geografia crítica e radical [...] se desdobra através das obras de Karl Marx e Henri Lefebvre, produzindo o que Maurício Abreu chamou de uma Geografia ‘marxista-lefebvreana’ (CARLOS, 2018 et al orgs. p.7. Grifos nossos.).

Da passagem acima, sugere-se importante fixar, para desenvolvimento ulterior dois atributos: a *determinação social* da produção do espaço; bem como o desafio de compatibilizar a produção do conhecimento no âmbito de uma ciência específica (a Geografia como ciência parcelar) e uma filiação filosófica que não prescinde da categoria (âmbito) da *totalidade*, própria ao pensamento filosófico. Doravante, a partir dessa qualificação geral, importa destacar em que medida a *Metageografia* foi entrevista como sendo fértil para fomentar uma problematização acerca da ontologia do espaço. Isso, por sua vez, pode ser evidenciando acompanhando o modo crítico-refratário com o qual a *Metageografia* se posiciona em relação à ontologia que, como será visto mais adiante, é extensivo também à fenomenologia:

[...] O **espaço** como momento da produção social encontra seu **fundamento** na construção/constituição da **sociedade** ao longo do processo histórico como constitutivo da humanidade do homem. Assim, não haveria leis do espaço, **nem a possibilidade de uma ontologia do mesmo**, posto que sua produção situa-se na totalidade do processo histórico como processo civilizatório, como realidade prática (Carlos, 2011; p. 17 – 18. Grifos nossos).

A citação acima resguarda a centralidade da determinação social do espaço (geográfico), destacando a assimilação da *sociedade* à condição de *fundamento* tanto da produção do espaço, quanto, igualmente, como *fundamento da “humanidade do homem”* (leia-se, a determinação acerca do que é constitutivo do ser do homem - i.é: da humanidade do homem). Isso se verifica, *pari passu*, a uma posição frontalmente refratária à própria possibilidade (legitimidade) da

investigação (logia; logos) do espaço (o ente; *onta*) - i.é; denegando a propriedade mesma de uma *ontologia do espaço*. Essa mesma atitude se reproduz de modo ubíquo no bojo da *Metageografia*, em passagens tais como:

O pensamento marxista reclama o deslocamento da análise do plano da **ontologia**, e também do plano da epistemologia – **prisioneiros do mundo abstrato das ideias** – para aquele que articula teoria (plano da produção do conhecimento como ato de compreensão de mundo) e a prática (práxis) em sua indissociabilidade.[...] (CARLOS, 2011, p. 26-27. Grifos nossos).

Essa atitude crítica é extensiva, por sua vez, à interpretação do significado que a fenomenologia teria para ciência geográfica, pois: “...*para entender o modo como o ser humano se realiza na sua relação com a natureza nela mesma, sem dela sair, faz-se necessário deslocar a análise do plano da fenomenologia para a prática real*” (CARLOS, 2011, p. 10. Grifos nossos.). Esse tipo de crítica depreciativa não é fortuito - ao contrário, traduz o perfil do modo regular com o qual a *Metageografia* apreende o significado da fenomenologia para a Geografia, como atesta, dentre inúmeras passagens, à que segue:

O momento atual da produção do espaço revela que a cultura, esvaziada de sua capacidade criativa, dissolvida em culturas particulares, oficializada, liberta-se de todo conteúdo apontando o momento em que a história se torna cultura e nessa condição entra na lógica do mercado, enquanto a **Geografia cultural se prende aos ‘localismos e subjetivismos’, abdicando a possibilidade de explicar o mundo moderno em sua totalidade, mergulhada que está, profundamente, na fenomenologia.** (Carlos, 2011; p. 146. Grifos nossos.).

A forma com a qual a *Metageografia* considera o contexto histórico no qual a fenomenologia ganha expressão na Geografia reforça o teor de sua apreciação crítico-depreciativa, isto pois, estaria associado a um período no qual sob a força pregnante da ideologia capitalista das últimas duas décadas do século XX, a possibilidade da própria inteligibilidade histórica através de parâmetros racionais da organização social colocaria em xeque o significado da verdade e da objetividade científica como instância da produção do conhecimento, forjando o contexto de intensificação da ruptura entre “*a subjetividade e o mundo concreto tomado como exterioridade*”. Esse quadro, que conduziria à

[...] perda da noção e da pretensão à constituição da totalidade (...) encontra na abstração concreta efetuada pela autonomização do dinheiro numa economia financeirizada o impulso efetivo que parece dar sustentação às novas manifestações de uma consciência apartada do mundo real. **Esse foi o contexto em que a fenomenologia ganhou força no discurso geográfico.** (CARLOS et al orgs, 2015, p. 47-48. Grifos nossos).

As contraposições observadas nas citações acima, permitem, por sua vez, desde já, levantar algumas questões: quais as referências (teórico-filosóficas) sobre a ontologia (do espaço) e a fenomenologia que sustentam as posições assumidas pela *Metageografia*? As posições observadas seriam decorrência de uma incompatibilidade entre as resoluções filosóficas à base da matriz *marxista-lefebreana* em relação à fenomenologia (em geral)? Essa suposta

incompatibilidade traduziria uma posição resoluto da filiação “*marxista-lefebvreana*” ou, de modo diverso, uma *interpretação específica* dessa matriz estabelecida *particularmente* no bojo da *Metageografia*? Essa interpretação, seria, além disso, pertinente no caso específico da fenomenologia de Heidegger? Independentemente da resposta que se possa supor para cada uma dessas questões, o resultado da revisão bibliográfica e depuração feita amiúde na execução da pesquisa impôs a seguinte constatação: as inferências acerca da ontologia e da fenomenologia são, via de regra, estabelecidas nas publicações da *Metageografia* de maneira tão pontual quanto ubíqua, sem, contudo, que se faça acompanhar do recurso de um quadro (ou aporte) bibliográfico substantivo propriamente referido à fenomenologia, ainda que um tal quadro de referência sobre o assunto seja deliberadamente crítico em relação à fenomenologia - como no caso mais emblemático da obra do filósofo marxista György Lukács. Uma constatação “formal” da pertinência dessa argumentação, pode, por sua vez, ser aferida consultando-se a(s) Bibliografia(s) destas publicações.

Esses apontamentos não devem, contudo, fazer supor que se estaria aqui requisitando que uma proposta teórico-metodológica como a *Metageografia*, expressamente filiada à filosofia *marxista-lefebvreana*, deveria “prestar contas” quanto a consistência interpretativa em relação às diversas matrizes filosóficas e, mais especificamente, à filosofia *fenomenológica heideggeriana*. De modo algum! O reconhecimento da consistência e coerência interna à proposta da *Metageografia* não exclui, por sua vez, a possibilidade de problematização acerca dos parâmetros que essa proposta teórico-metodológica dispõe para veicular uma determinada interpretação sobre o significado do nexos entre ontologia do espaço e a fenomenologia na disciplina. Na medida em que o aporte bibliográfico, no campo da literatura filosófica, acerca da ontologia e, também, sobre a fenomenologia revela-se senão como sendo residual - basicamente não extrapolando o quadro da interpretação que é dispensado à filosofia *marxista-lefebvreana* - resta depreender que essa posição crítica da *Metageografia* esteja assentada na maneira prevalente que a relação entre fenomenologia e ontologia foi assimilada e difundida no bojo do próprio pensamento geográfico. Trata-se, por isso, de direcionar a discussão teórica nesse sentido, tendo como foco, em função da problemática proposta no presente trabalho, mais especificamente a depuração da assimilação do pensamento de Heidegger e seus desdobramentos no contexto da ciência geográfica.

ONTOLOGIA DO ESPAÇO E FENOMENOLOGIA NA GEOGRAFIA: O RESGATE DO ASSUNTO ATRAVÉS DE HEIDEGGER

O contexto de assimilação da fenomenologia na Geografia é amplamente reconhecido na historiografia da disciplina: está diretamente associada à gênese da Geografia humanista na década de 1970, nas publicações dos geógrafos expoentes da vertente *humanista-fenomenológica*, tais como Yi-fu Tuan; E. Relph; A. Buttimer; N. Entrikin (Gomes, 1996; Capel, 1981; Castro et al orgs.,1996). Sobremodo relevante aos propósitos do presente trabalho, importa destacar um elemento comum dessas contribuições pioneiras, que teve consequências decisivas para a inteligibilidade da fenomenologia nesta ciência: o *ecletismo* como característica intrínseca à vertente humanista-fenomenológica da Geografia. No bojo desse ecletismo, as diferenças específicas sobre as distintas orientações da fenomenologia (por exemplo, entre Husserl, Sartre, Heidegger, etc), foram, via de regra, “pulverizadas”. Foi através dessa chave-interpretativa eclética que, sob os auspícios da Geografia humanista, se reproduziu, nas décadas subsequentes, uma apropriação que, não raro, do ecletismo conduziu à ambiguidade (Gomes, 1996; p. 325-337) e, mesmo, a interpretações radicalmente despropositadas, como se revelou emblemático na busca de filiação ao pensamento de Heidegger para fundamentar uma concepção humanista da ciência geográfica.

Uma das primeiras publicações que trouxe à tona, de modo abrangente, as causas e consequências do contexto da assimilação da fenomenologia pela Geografia humanista foi dada por John Pickles, em 1985, ao publicar *Phenomenology, Science and Geography: Spatiality and the Human Sciences*. O argumento deste livro que se destaca como sendo de fundamental importância aos propósitos do presente trabalho diz respeito à constatação, desde meados da década de 1980, da necessidade premente que se impôs ao referido autor de realizar uma depuração crítica das interpretações até então correntes sobre a fenomenologia na ciência geográfica - notadamente vinculadas à assimilação humanista (Pickles, 1985 *apud* Santos, 2017). São três as razões fundamentais que impuseram essa tarefa à contribuição de Pickles: (i) a distorção de base do significado da fenomenologia, sobretudo a cunhagem heideggeriana, como referência filosófica para as publicações pioneiras da vertente *humanista-fenomenológica* na Geografia, que em função do ecletismo característico desta vertente, passaram ao largo de um problema básico, a saber: a incompatibilidade radical entre o pensamento de Heidegger e o humanismo (*lato senso*); (ii) as publicações ulteriores aos pioneiros do humanismo fenomenológico na Geografia assumiram, via de regra, a chave interpretativa humanista e, assim, difundiram uma interpretação generalista da fenomenologia, que Pickles designou

“*fenomenologia geográfica*” (isto é, uma modalidade ou “versão geográfica” deveras peculiar da fenomenologia, porquanto não se constitui necessariamente em consonância com os princípios da fenomenologia “dos fenomenólogos”, mas aos propósitos da Geografia humanista), e; (iii) se os argumentos contidos em (i) e (ii) são válidos, então, não somente uma revisão interna ao horizonte humanista sobre o significado da fenomenologia se impõe, mas, sobretudo, as críticas que foram direcionadas à influência da fenomenologia para a ciência geográfica, proveniente dos paradigmas “concorrentes” desde o movimento de renovação do pensamento geográfico deflagrado na década de 1970 (provenientes da *Geografia crítica-radical*; da *Geografia quantitativa*; etc) deveriam, sobretudo elas, ser reconsideradas. A necessidade dessa revisão torna-se evidente por si mesma: a crítica dispensada ao papel da fenomenologia para a Geografia, notadamente proveniente de paradigmas concorrentes filiados a matrizes filosóficas diversas, teriam incidido não sobre o significado próprio à fenomenologia, mas à interpretação “ecclética” e depauperada estabelecida a partir da recepção e difusão humanista da fenomenologia sob a forma de uma “*fenomenologia geográfica*”.

Com base no exposto acima já deve estar claro em que medida as inferências críticas dispensadas à fenomenologia nas publicações da *Metageografia* podem ser proficuamente problematizadas a partir de pesquisas dedicadas à ampliação da pesquisa fenomenológica na Geografia. Por se tratar do cerne da presente pesquisa, o desdobramento desse paralelo será retomado mais à frente. Antes, contudo, considera-se necessário trazer à tona em que medida o quadro descrito nos parágrafos precedentes incitam os propósitos da presente investigação. Isso se verifica na medida em que é propriamente em função das limitações que afetaram, de modo indelével, a gênese e desenvolvimento da assimilação da fenomenologia sob o contexto da Geografia humanista que, reativamente, tenha se verificado nas últimas duas décadas o interesse renovado e uma ampliação do debate sobre a ontologia na geografia, destacando-se contribuições que procuraram uma aproximação mais intensa com a fenomenologia e, particularmente, a cunhagem que Heidegger lhe imprimiu (ELDEN, 2002, 2004a, 2004b; JORONEN 2010; SHATZKI, 2007; REIS, 2009; 2012; SANTOS; REIS; 2018; REIS et al, 2021). Isto, pois, a partir da constatação do “enquadramento” que o assunto esteve, por décadas a fio, submetido na disciplina, observou-se não apenas a possibilidade, mas, antes disso, a necessidade de resgatar uma via de problematização que teria sido “abortada” na história do pensamento geográfico, a saber: a investigação sobre a fundamentação ontológica do espaço geográfico através de um diálogo renovado com Heidegger, que permitisse apontar para um caminho alternativo àqueles estabelecidos (ou obstruídos) através da *Geografia humanista-fenomenológica* ou pela *Geografia crítica-radical*. O presente trabalho aspira contribuir nesse sentido, assumindo uma perspectiva estrita para tanto, que passa pela indicação

do nexu entre o método fenomenológico de investigação da fundamentação ontológica do espaço e o pensamento de Heidegger, nos seguintes termos:

A reabilitação do problema da fundamentação ontológica constitui o foco sobre o qual uma ciência específica – a geografia, por exemplo – deveria se restringir, a fim de permitir que o elemento propriamente fenomenológico do pensamento de Heidegger possa ser conquistado e aberto ao desenvolvimento em uma ciência. O primeiro passo, no sentido dessa reabilitação, consistiria em legitimar a imprescindibilidade do geógrafo assumir a analítica do ser-aí (procedimento que constitui a fonte da elaboração da questão acerca do sentido do ser na ontologia fundamental de Ser e Tempo) antes das requisições que lhe são usualmente atribuídas, notadamente nas esferas da pesquisa aplicada ou epistemológica. Quando se considera o modo com o qual se efetivou na ciência geográfica tanto a reflexão ontológica quanto, sobretudo, a assimilação do pensamento de Heidegger a posição [perspectiva] acima esposada não é, de modo algum, evidente - a despeito de contribuições que apontam nesse mesmo sentido (Pickles, 1985; Elden, 2001, 2004, 2005; Joronen, 2010; Strohmayer, 1998;). (Reis; Santos, 2017, p. 2-3).

Importa, agora, reestabelecer o sentido do paralelo com a posição da *Metageografia* em relação ao encaminhamento indicado na citação acima, sob a forma de uma questão: de que forma as posições observadas acerca da ontologia do espaço e da fenomenologia na *Metageografia* incitam o direcionamento de uma pesquisa que tem em vista o escopo indicado na citação acima? A resposta insinua-se por si mesma: porquanto no âmbito da *Metageografia* tanto a ontologia (como assunto) quanto a fenomenologia (como método) são reiteradas e sistematicamente criticadas, a própria consistência de um projeto de investigação da fundamentação ontológica do espaço, conforme enunciado na citação acima, encontra na *Metageografia* uma oportunidade de, por um lado, ratificar sua legitimidade interna e, por outro, trazer à tona as limitações que, eventualmente, incidem nos parâmetros interpretativos esposados pela *Metageografia* no que concerne à ontologia e à fenomenologia. Para tanto o paralelo argumentativo deslindado acima precisará se converter numa interpelação crítico-positiva da proposta da *Metageografia* que, oportunamente, vem à tona ao se encampar um projeto dedicado à investigação do problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia a partir da fenomenologia heideggeriana.

METAGEOGRAFIA E GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA: CONVERGENCIAS E DIVERGENCIAS SOBRE A ONTOLOGIA DO ESPAÇO

Importa no presente tópico, para desenvolvimento do debate, retomar o nexos com a questão principal da pesquisa exposta na introdução, qual seja: *quais as principais diferenças e semelhanças acerca do problema da fundamentação ontológica do espaço na Geografia vigentes entre, por um lado, o projeto de uma Metageografia e, por outro lado, o projeto de uma Geografia em bases ontológico-existenciais filiada à fenomenologia de Heidegger?*

Passada em revista a bibliografia dedicada à *Metageografia*, um primeiro aspecto que chama à atenção, no que concerne à diferença em relação à possibilidade/legitimidade mesma de uma investigação ontológica sobre o espaço na Geografia a partir da fenomenologia de Heidegger, reside na constatação, que se revelou abundante durante a análise bibliográfica, de que a posição expressamente assumida pela *Metageografia* não constitui, de modo algum, uma atitude consensual, por um lado, no interior do próprio horizonte da *Geografia crítica-radical* e, absolutamente, por outro lado, no seio dos trabalhos recentes dedicados à retomada do diálogo com o pensamento de Heidegger entre geógrafos. No primeiro caso, é indispensável destacar que, a despeito do caráter prevalente da filiação ao pensamento marxista como traço básico da *Geografia crítica-radical* e, mesmo, da influência proeminente que a obra de Henri Lefebvre assumiu nesta vertente da disciplina, uma gama significativa de contribuições de síntese teórica filiadas à *Geografia crítica-radical*, ampliaram o escopo da pesquisa sobre a ontologia do espaço na disciplina, bem como não assumiram uma posição refratária à possibilidade de ampliar o escopo da discussão sobre a ontologia do espaço através da abertura - ainda que em graus variados - à influência e aporte da filosofia fenomenológica. Ainda que, de fato, o modo com o qual tanto a ontologia do espaço quanto a fenomenologia estejam submetidos a modulações as mais diversas, em publicações vinculadas ao horizonte da crítica-radical, é igualmente inegável constatar o curso de uma aproximação paulatina e crescente com a filosofia fenomenológica por parte de geógrafos que exerceram um papel decisivo para a renovação crítica da Geografia na pesquisa brasileira desde a década de 1970, como atesta, dentre outros, o percurso da obra de geógrafos brasileiros como Milton Santos, Armando Corrêa da Silva, Ruy Moreira, bem como, no plano internacional, David Harvey e Edward Soja. À guisa de exemplo, no caso de Soja, caberia destacar a contribuição, nesse sentido, contida em seu livro *Geografias pós-modernas*, no qual a centralidade inequívoca do diálogo com Henri Lefebvre não suscitou uma posição refratária seja à ontologia do espaço ou à fenomenologia, como é possível constatar de forma patente no capítulo 5 do livro, “*Reafirmações: rumo a uma ontologia espacializada*” (Soja, 1993; pp.145 -167).

Quando se considera, por sua vez, os trabalhos recentes dedicados à retomada do diálogo com o pensamento de Heidegger entre os geógrafos, a posição marcadamente crítico-refratária em relação à influência da fenomenologia para a Geografia assumida pela *Metageografia*, em função da interpretação que dispensa ao pensamento de Lefebvre verifica-se, ainda de forma mais evidente, uma atitude ainda mais injustificável. Para demonstrar a pertinência desse argumento, considere-se a passagem abaixo, extraída de um artigo intitulado “*Política, Filosofia e ‘A Produção do Espaço de Lefebvre’*” publicado pelo geógrafo Stuart Elden no periódico “*Antipode*”, marco da difusão do pensamento marxista na geografia:

O trabalho de Heidegger é extremamente importante para o entendimento do projeto intelectual de Lefebvre. Sugere-se que o trio de pensadores [Hegel, Marx e Nietzsche] que influenciaram Lefebvre é [o mesmo] partilhado por Heidegger. (...). Há diferenças – muitas – entre Marx e Heidegger, mas, para Lefebvre, os dois são essenciais. Como bem notaram Kofman e Lebas, Heidegger foi o filósofo do século XX em quem Lefebvre mais se engajou. D. Harvey sugeriu que uma combinação entre Marx e Heidegger é uma área promissora para futuros trabalhos quando argumentou sobre a “possibilidade de alguma forma concatenar a concepção marxista e heideggeriana dentro de um novo tipo de política radical”. Esses insights e possibilidades continuam pouco desenvolvidos na literatura. [...]. Assim, podemos sugerir que a obra de Lefebvre demonstra a possibilidade de um heideggerianismo de esquerda. [...]. Lefebvre pode, portanto, ser benéficamente lido no nível político e filosófico entre Marx e Heidegger (ELDEN, 2004, p. 77. tradução nossa).

A citação acima oferece muito conteúdo para se problematizar acerca da posição assumida pela *Metageografia* em relação à influência da fenomenologia para a Geografia, bem como sobre a legitimidade da investigação ontológica do espaço, tendo em vista que, ao fim e ao cabo, o pensamento de Heidegger é integralmente dedicado ao assunto da *ontologia fundamental* e sua questão correlata acerca do *sentido de Ser*. Aqui torna-se oportuno levantar uma questão retomando como referência a contribuição de John Pickles, apresentada anteriormente: não seria a posição refratária da *Metageografia* em relação à legitimidade da discussão sobre a ontologia do espaço e, igualmente, a atitude crítico-depreciativa dispensada à fenomenologia um efeito inadvertido da “*fenomenologia geográfica*” que, de acordo com Pickles, constitui o perfil dominante da assimilação e difusão de uma modo depauperado de interpretar a fenomenologia típica da Geografia humanista? Tendo em vista a revisão bibliográfica realizada na presente pesquisa, essa possibilidade revela-se bastante pertinente. Isso, pois, por um lado, conforme foi observado durante a análise bibliográfica da *Metageografia*, o conjunto de suas publicações não dispõe de um quadro de referência bibliográfica acerca da fenomenologia que possam subsidiar, ao fim e ao cabo, uma interpretação consistente sobre o assunto - excetuando-se a interpretação que a *Metageografia* imputa à obra de Henri Lefebvre que, como pode ser visto na citação acima, não é absolutamente consensual. Por isso, é bastante plausível conjecturar que o parâmetro interpretativo acerca da fenomenologia/ontologia do espaço assumido pela *Metageografia* seja diretamente influenciada (“contaminada”) pelo perfil médio e

prevalente com o qual a fenomenologia ainda é difundida - e, especialmente, no caso da pesquisa brasileira, a saber: reproduzindo as limitações e distorções típicas da interpretação humanista e da “*fenomenologia geográfica*” que lhe é característica (MARANDOLA JR, 2012; 2013; 2020; 2021; DAL GALLO; MARANDOLA JR. 2015; DAL GALLO, 2015;). Sendo esse o caso, de forma um tanto peculiar, as reservas e críticas veementes que a *Metageografia* dispensa à fenomenologia acabam se revelando absolutamente coerentes, isto, pois, de fato, a interpretação depauperada da fenomenologia que ainda grassa de modo abundante em publicações vinculadas à Geografia humanista justificam, decerto, as críticas dispensadas pela *Metageografia*: a “*fenomenologia geográfica*” permanece, efetivamente, “...*prisioneira do mundo abstrato das ideias*”; refém dos “*localismos e subjetivismos*”, ‘*abdicando a possibilidade de explicar o mundo moderno em sua totalidade*’.

De forma alguma, contudo, essas críticas seriam pertinentes se consideradas as contribuições que buscaram renovar o diálogo dos geógrafos com a fenomenologia e que, desde meados da década de 1980, buscaram denunciar os extravios da interpretação veiculada pela Geografia humanista e reconduzir à interlocução com a filosofia fenomenológica - destacando-se o diálogo com Heidegger - a uma interpretação consequente acerca do modo com o qual a fenomenologia pode ampliar o escopo da pesquisa geográfica, como atestam uma gama significativa de publicações (PICKLES, 1985; ELDEN, 2002; 2004a; 2004b; JORONEN; 2010; 2013; SILVA, 2018 ZADOROSNY; 2019 REIS et al, 2021). Quando se assume esse último quadro de referência como parâmetro para interpretar o “estado da arte” sobre a ciência geográfica, a fenomenologia e a discussão sobre ontologia nesta disciplina, o que se revela como mais plausível considerar em relação à atitude geral assumida pela *Metageografia* em relação ao assunto é reconhecer que ela constitui, por assim dizer, uma “vítima” (ainda que inadvertida e involuntária) do caráter depauperado e anacrônico da interpretação da fenomenologia/ontologia veiculada e difundida por publicações filiadas à Geografia humanista, que ainda grassam, de forma abundante e insuspeita, notadamente no contexto da pesquisa brasileira em Geografia. De qualquer modo, a interpretação do assunto sob os auspícios da *Metageografia* é, ela própria, igualmente depauperada e anacrônica, isto, pois, já não encontra amparo se se leva em consideração as contribuições que apreenderam, denunciaram e suplantaram os extravios da chave humanista de assimilação da fenomenologia na Geografia.

Caberia registrar que a contribuição de Stuart Elden (2004) acerca da influência insuspeita que Heidegger exerceu no projeto filosófico de Henri Lefebvre, foi retirada de um artigo que, ulteriormente integrou a publicação do livro *Understandig Henri Lefebvre* (Elden, 2004a), no qual o geógrafo amplía significativamente a análise da influência do fenomenólogo na obra de Lefebvre - seu interesse pela “*vida cotidiana*”, cara à *Metageografia*, seria diretamente debitário da influência que o pensamento de Heidegger exerceu em Lefebvre, constituindo uma versão

francófona-marxista da cotidianidade impessoal descrita fenomenologicamente em *Ser e Tempo*. Além disso, Stuart Elden recupera ao debate contemporâneo da Geografia a contribuição insigne do filósofo Kostas Axelos, especificamente sobre a relação entre Heidegger e Marx que remete, por sua vez, à obras precursoras como *Heideggerian Marxism* de Hebert Marcuse, que fomentou o impulso investigativo dedicado ao cruzamento entre o pensamento de Heidegger e a tradição marxista que, a propósito, permanece alimentando o debate filosófico contemporâneo, como atesta, dentre outros, a contribuição de Hemming (2012) *Heidegger and Marx, a Productive Dialogue over the Language of Humanism*.

O encontro desse nicho bibliográfico mais amplo, que não se desdobra no plano interno à Geografia, conduziu à busca de contribuições similares em publicações brasileiras, que resultou na descoberta de livros de Kosta Axelos, destacando-se *Introdução ao Pensamento Futuro* (Axelos, 1969); bem como as contribuições do ensaísta Benedito Nunes, para quem Lefebvre reconheceria o filósofo de *Ser e Tempo* como um dos precursores de sua *metafilosofia*, o quê, de fato, pôde ser ratificado no livro homônimo de Lefebvre, *Metafilosofia* - sobretudo no capítulo 4 - publicado no Brasil já em 1967. Chama à atenção observar as datas destas publicações, isto, pois, no caso de Benedito Nunes, seus escritos sobre o assunto foram publicados entre 1962 e 1967, a princípio, em suplementos literários do jornal *O Estado de São Paulo*, posteriormente coligidos e publicados no livro *O Dorso do Tigre* (1969). Esses registros, embora dotados de uma aparência de exterioridade ao conteúdo precípuo do presente trabalho, revestem-se, contudo, de um significado que, sugere-se, não deveria ser secundarizado: a interpretação que a *Metageografia* imputa à fenomenologia constitui, a rigor, uma interpretação refratária, mas não traduziria (ou esgotaria) de modo algum o conteúdo próprio da *Metafilosofia*, conforme concebida por Lefebvre. Isso pode ser ratificado, ainda, recorrendo a citação feita anteriormente de Stuart Elden (2004a): os complexos intercursos entre o pensamento de Lefebvre e a fenomenologia, destacadamente aquela cunhada por Heidegger, não são objeto de apreciação (ou análise) detida no âmbito da *Metageografia*. Para encerrar essa digressão, registre-se, igualmente, que esses apontamentos não se dirigem no sentido de criticar um caráter supostamente parcial da forma com a qual a *Metageografia* tratou o assunto, preterindo (também supostamente) de forma deliberada a influência da fenomenologia e/ou de Heidegger na obra de Lefebvre - de modo algum, tendo em vista que se reconhece a autonomia e escopo próprios que a *Metageografia* possui: promover, através da filiação ao pensamento de Lefebvre, uma orientação teórico-metodológico para a Geografia. O reconhecimento dessa autonomia e rigor próprios à *Metageografia* não exclui, por sua vez, a possibilidade e - sobretudo, ao que foi dado depreender - a necessidade de problematizar sua interpretação sobre o tema.

Com base nos contrapontos indicados acima, importa, sobretudo, observar seus desdobramentos mais substantivos no bojo do debate sobre o assunto na disciplina, tendo em vista que o paralelo

conduzido entre a *Metageografia* e a perspectiva de uma investigação ontológica do espaço na disciplina a partir da fenomenologia de Heidegger resguarda uma gama significativa de elementos que, embora tenham permanecido relativamente latentes, oferecem farto conteúdo para provocar uma discussão consequente sobre o assunto. Senão, vejamos: considerando que a posição crítico-refratária assumida pela *Metageografia* em relação à ontologia do espaço e à fenomenologia pode ser considerado um ponto passivo, importa observar que essa posição se faz, de modo peculiar, assumindo uma posição inequívoca sobre a fundamentação filosófica-ontológica do espaço e, mesmo, acerca da própria totalidade (do real), qual seja este fundamento: a sociedade. Essa posição é, portanto, debitária da aceitação de um princípio de fundamentação da totalidade que, por óbvio, abarca o espaço geográfico. Esse gesto simultaneamente alça a *categoria de produção social do espaço* à condição de categoria nuclear da *Metageografia*. Contudo, a assimilação da *sociedade (produção social)* como fundamento e princípio de estruturação do real não é, absolutamente, isenta de consequências, dentre as quais importa destacar, à revelia mesma da posição da *Metageografia*, a possibilidade de questioná-la e - saliente-se - questioná-la antes de tudo em relação às resoluções ontológicas implícitas (ou melhor, mitigadas). Considere-se, para tanto, a seguinte passagem extraída da *Introdução* do livro *A Condição Espacial* cujas considerações finais destaca a *Metageografia* como proposta': "*podemos inicialmente argumentar que a necessidade da compreensão do mundo moderno exige [...] compreender que a produção das coisas, mas também dos indivíduos, é determinada socialmente* (CARLOS, 2011; p. 18. Grifos nossos). O que é trazido à tona nesta citação senão uma *posição ontológica* acerca da *produção das coisas e dos indivíduos* (leia-se, da totalidade dos entes e da humanidade do homem) integralmente debitária da aceitação da sociedade (produção social) como princípio de estruturação da realidade? O sentido precípua da questão não reside em impor à *Metageografia* o reconhecimento da vigência de um estatuto de resolução ontológica que, ainda que de forma implícita, está assentado em suas bases. Absolutamente: o decisivo reside em evidenciar que, a despeito da coerência interna das posições assumidas pela *Metageografia*, enquanto orientação teórico-metodológica filiada ao *marxismo-lefebvreano*, trata-se de uma proposta que não possui condição alguma para justificar a posição de princípio acerca do fundamento por ela assumido, a saber: a sociedade (produção social) como fundamento. Isto, pois, ao aquiescer que as coisas, os indivíduos e a totalidade são socialmente determinados, se estabelece um nexa a partir do qual não faz sentido algum questionar sobre o sentido de ser das coisas, dos indivíduos, da humanidade do homem, enfim, da totalidade. E não faz sentido na medida mesma em que uma resposta prévia à questão foi assumida antes mesmo de ser investigada. A revisão bibliográfica que foi realizada sobre a *Metageografia* ratificou esse "diagnóstico": é vã a busca de encontrar argumentos demonstrativos (tanto quanto a possibilidade de questionar) sobre o sentido de ser do espaço, da

humanidade do homem, e acerca da totalidade na *Metageografia*. Essa ausência é instigante, importa destacar, porquanto ela se efetiva *através de uma posição sobre o ser das coisas, dos indivíduos e da totalidade* que não suscita, absolutamente, nenhum questionamento: o problema do fundamento está, assim, resolvido - isto é, não constitui problema algum! A possibilidade de abertura para os questionamentos acima não significa, de modo algum, desconsiderar a dimensão social enquanto constitutiva do espaço geográfico, mas, antes disso, fazer observar que essa evidência traz em si uma problemática insuspeita no bojo mesmo da *Metageografia*: esta última assume uma evidência ôntica (evidência passível de constatação “empírica” segundo a qual existe uma dimensão social intrínseca ao espaço geográfico) à condição de parâmetro de indubitabilidade ontológica supostamente evidente - e o faz preterindo a relevância da investigação ontológica. Sob esse ângulo de consideração torna-se curioso rever a posição da *Metageografia* em relação à ontologia, pois, sua rejeição se sustenta por uma posição de cariz ontológico que é tão amplamente difundido quanto, simultaneamente mitigado, suplantando, assim, a legitimidade da discussão ontológica: o fundamento da totalidade e da produção do espaço corresponde à sociedade (à produção social *lato senso*). Essa posição tão hermética quanto implicitamente estabelecida na *Metageografia* constituiria, por sua vez, a instância própria a partir do qual poderia ser deflagrado um projeto de investigação ontológica do espaço a partir da fenomenologia de Heidegger, tendo em vista que permitiria demonstrar o caráter pressuposto dessas resoluções e, assim, evidenciar a necessidade de retomar a elaboração acerca do sentido de ser tendo em consideração, por sua vez, uma interpretação fenomenológica suficiente acerca do *ser do espaço*. Isso não pode ser conduzido senão através de uma *destruição fenomenológica* dos pressupostos ontológicos (ainda que implícitos) da *Metageografia*.

A despeito dessas diferenças marcantes em relação ao assunto, a *Metageografia* e o projeto de investigação ontológica do espaço na Geografia através da fenomenologia de Heidegger possuem um elemento que, do ponto de vista formal, lhes é comum e, por isso, resulta como um saldo que deve ser registrado. Trata-se das dificuldades de conciliar o âmbito de uma ciência particular com um quadro de referência filosófico que não coaduna com a divisão disciplinar característico da pesquisa científica, que se efetiva através de uma tendência à especialização cada vez mais acentuada. Conforme registrado anteriormente, a consecução da proposta da *Metageografia* impõe a si mesmo a

[...] a tarefa da produção do conhecimento orientada pela categoria de totalidade, que traz a possibilidade de superar a elaboração do saber no âmbito de uma ciência parcelar, no caso, a Geografia. Com base nisso, a Geografia crítica e radical [...] se desdobra através das obras de Karl Marx e Henri Lefebvre [...] [em] uma Geografia ‘marxista-lefebvreana’ (CARLOS, 2018 et al orgs. p.7. Grifos nossos).

Esse problema também incide, ainda que estritamente quanto à forma, sobre a perspectiva de reabilitação da investigação ontológica do espaço na Geografia, distinguindo-se, por óbvio, em relação ao conteúdo. Mais especificamente, uma investigação desta ordem implicaria reconhecer a necessidade de compatibilizar a pesquisa em geografia com o escopo precípua da *Ontologia fundamental* cuja meta assenta na retomada da elaboração da questão sobre o sentido de Ser, cuja efetivação, impele, também de modo incontornável, que o geógrafo reconheça, assuma e compatibilize a investigação no plano interno da ciência geográfica com a tarefa da *analítica do ser-aí humano*, antes das requisições usuais que lhe são imputadas, seja no âmbito do debate epistemológico, ou no campo da pesquisa aplicada. Dada a prevalência da interpretação humanista trivializada que, via de regra se efetivou através da importação de “noções” heideggerianas à *fórceps* para o debate epistemológico e, mesmo, para a pesquisa aplicada, não raro o caminho investigativo nos termos propostos é entrevisto como uma extrapolação em desfavor ao âmbito próprio à ciência geográfica em direção ao âmbito próprio da filosofia. Essas objeções atestam, por sua vez, o grau de desorientação que atravessa a discussão sobre o assunto na Geografia (sobretudo na vertente humanista) e, igualmente, reforça a necessidade de ampliar, dedicando-lhe mais contribuições, o seu entendimento entre os geógrafos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da investigação ratificou o entendimento que, a princípio incitou o estímulo inicial de sua realização, qual seja, o entendimento segundo o qual é justamente em função do caráter abertamente refratário que a *Metageografia* assume tanto em relação à temática da ontologia do espaço na Geografia, quanto, igualmente, à influência da fenomenologia (em geral) para a ciência geográfica, que a referida orientação teórico-metodológica revela-se fecunda para toda e qualquer proposta de investigação dedicada à temática da ontologia do espaço e, sobretudo, às propostas buscam considerar o assunto através da filiação à filosofia fenomenológica. Isto, pois, diante desta atitude refratária e crítica esposada pela *Metageografia* toda pesquisa dedicada à ontologia do espaço, notadamente sob filiação à fenomenologia se vê provocada, tornando-se não apenas oportuno mas, sobretudo, necessário justificar o teor da contribuição que esse tipo de investigação pode oferecer à ciência geográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AXELOS, K. **Introdução ao pensamento futuro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969. 111 p. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão

CALÇAVARA, R. **O Sentido da Ontologia do espaço para a Dissolução da Dicotomia Geografia Física – Geografia Humana: Estudo Sobre o Caso da Geografia Crítica Brasileira a Partir do Pensamento de Martin Heidegger**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Ufes, Vitória, 2013.

CAPEL, H.. **Filosofia y ciencia em la Geografia contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981. 480 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004. 123 p

CARLOS, Ana. Fani. Alessandri. **A Condição Espacial**. São Paulo: Editora Contexto. 2011. 151 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **Crise Urbana**. São Paulo: Contexto, 2015a. 192 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto (org.). **A Cidade Como Negócio**. São Paulo: Contexto, 2015b. 272 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; ALVES, Glória; PAULA, Rafael Faleiros de (org.). **Justiça Espacial e o Direito à Cidade**. São Paulo: Contexto, 2017. 192 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SANTOS, César Simoni; ALVAREZ, Isabel Pinto (org.). **Geografia Urbana Crítica: teoria e método**. São Paulo: Contexto, 2018. 160 p.

DAL GALLO, Priscila M. **A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-Mundo em "Out of África"**. 2015. Dissertação. 97f. (Mestrado em geografia). Instituto de Geociências, Unicamp, 2015.

DAL GALLO, Priscila M. ; MARANDOLA JR., Eduardo . **O conceito fundamental de mundo na construção de uma ontologia da geografia**. GEOUSP: espaço e tempo, v. 19, p. 551-563, 2015.

ELDEN, Stuart. **Mapping the Present: Heidegger, Foucault and the project of a spatial history**. 2. ed. London: Continuum, 2002. 232 p.

ELDEN, Stuart. **Understanding Henri Lefebvre: theory and possible**. London: Continuum, 2004a. 272 p.

ELDEN, Stuart. **Between Marx and Heidegger: politics, philosophy and lefebvre's the production of space**. Antipode, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 86-105, jan. 2004b. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8330.2004.00383.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-8330.2004.00383.x>. Acesso em: 02 fev 2023. Acesso em: 15/04/2024

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 8o. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

HEMMING, Laurence Paul. **Heidegger and Marx: a productive dialogue over the language of humanism**. United States: Northwestern University Press, 2013. 328 p

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bcd Uniao de Editoras S.A, 1996

JORONEN, Mikko. **The Age of Planetary Space: On Heidegger, Being, and Metaphysics of Globalization**. 2010. 227f. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de Turku, 2010.

JORONEN, Mikko. **Heidegger on the history of machination: oblivion of being as degradation of wonder**. Critical Horizons, 2012.

LEFEBVRE, Henry. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1967. 399 p. Tradução de Roland Corbisier.

MARANDOLA Jr., Eduardo. **Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência**. Geografia, Rio Claro, v. 37, p. 81-94, jan/abr. 2012.

MARANDOLA Jr., Eduardo. **Fenomenologia e Pós-Fenomenologia: Alternativas e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea**. Geograficidade, RJ, v.3, n.2, Inverno. 2013

MARANDOLA Jr., E. (2020). **Na fissura do presente / In the disruption of the present**. Geograficidade, 10 (Especial), 48-72. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.100.a41364>

MARANDOLA Jr., Eduardo. **Fenomenologia do ser - situado: crônicas de um verão tropical urbano**. São Paulo: Editora Unesp, 2021. 154p.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Em Busca da Ontologia do Espaço**. In: MOREIRA, Ruy (Org.) Geografia: Teoria e Crítica. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

MOREIRA, Ruy. **Marxismo e Geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias**. GEOgraphia, Niterói, ano 6, n. 11, p. 21 -37, 2004.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2007. 192 p.

NUNES, Benedito. **O Dorso do Tigre**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. 279 p.

PICKLES, John. **Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

REIS, L. C. T. **Ontologia do espaço e movimento de renovação crítica da Geografia: o desafio da diferença ontológica**. Revista Geografares. N. 7. Vitória – Ufes, 2009.

REIS, L. C. T. **Ontologia de Produção do Espaço na Geografia: uma abordagem do tema através do diálogo entre Milton Santos e Martin Heidegger sobre a técnica**. Revista Geografares. N. 13. Vitória – Ufes, 2012.

- REIS, L. C. T.; SANTOS, J. M. **O resgate da investigação ontológica na Geografia através da Fenomenologia-hermenêutica de Martin Heidegger**. In: Anais do XII Encontro Nacional da ANPEGE. Porto Alegre, 2017.
- REIS, L. C. T.; SANTOS, J. M.; SILVA, A. C. C. . **Geografia em bases ontológico-existenciais através da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger: o significado do existencial ser-em**. Geografares, [S. l.], v. 1, n. 33, p. 33–59, 2021.
- SANTOS, J. M.; REIS, L. C. T. **O horizonte humanista na Geografia e a Fenomenologia: O problema da “Fenomenologia Geográfica”**. In: Ingrid Aparecida Gomes. (Org.). A produção do conhecimento geográfico 3. 1ed.Ponta Grossa: Atena Editora, 2018, v. 3, p. 44-52.
- SANTOS, J. M. **Horizonte humanista e fenomenologia na geografia: o problema da assimilação humanista do pensamento de Martin Heidegger**. (Dissertação de mestrado). Pós-Graduação em geografia. Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6o. ed. São Paulo: EDUSP, 1978.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 136 p.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. 392 p.
- SHATZKI, Theore R. **Martin Heidegger: Theorist of Space**. Stuttgart: Steiner, 2007.
- SILVA, Armando Correa da. **O Espaço Como Ser: uma auto-avaliação crítica**. In: MOREIRA, Ruy (org.). Geografia: teoria e crítica. o saber posto em questão. Petrópolis: Vozes Ltda, 1982. Cap. 5. p. 75-92.
- SILVA, Aldo Aloisio Dantas da. **Geografia e Existência: uma análise a partir de ser e tempo de Martin Heidegger**. 2018. 101 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Ufrn), Natal – RN. 2018. Cap. 14.
- SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ZADOROSNY, L. **A Dimensão Ontológica na Geografia: um paralelo entre o horizonte da crítica-radical e o pensamento de Heidegger**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Ufes, Vitória, 2019.